

**Anotações da Assembleia com Julián Carrón
na Equipe dos Colegiais
Cervínia, 3 de setembro de 2016**

- *Haja o que houver*
- *Leaning on the everlasting arms*

Alberto Bonfanti. Agradecendo de coração ao Julián, que está aqui conosco e nunca nos abandona, releio o convite para esta assembleia, que partia de sua mensagem ao Tríduo: “Todos sabemos, por experiência, que não é fácil encontrar quem viva à altura do próprio desejo. Do mesmo modo, sabemos que sem a presença de um amigo logo nos renderíamos às urgências da vida”. Partindo disto perguntamos: “Você fez experiência neste tempo depois do Tríduo, principalmente durante as férias, de um amigo que não te abandona?”. Vamos começar a assembleia.

Julián Carrón. Vocês encontraram alguma resposta a esta pergunta nas Laudes que acabamos de rezar? *Silence!*

Vejam que podemos começar a manhã sem estar presentes no que fazemos, e então o que fazemos não adianta para o objetivo: procurar alguém à altura do desejo. Quem de vocês encontrou nas Laudes desta manhã alguém à altura do seu desejo? Ninguém! “Corro para alcançá-Lo, visto que já fui alcançado por Cristo” (Fl 3,12). Quem diz isso? Ninguém responde. São Paulo! São Paulo tinha encontrado Alguém que não apenas o tinha alcançado, mas que lhe tinha desencadeado todo o desejo. Corro para alcançá-Lo justamente por ter sido alcançado por Cristo. Há um Amigo que não apaga o meu desejo, que não o põe de lado, que não o reduz, mas o exalta, e por isso me faz correr para alcançá-Lo. O que será que São Paulo encontrou para falar assim? Ele, que sempre teve essa tensão – como ele mesmo diz em suas cartas: “Se algum outro pensa que pode confiar na carne, eu mais ainda: fui circuncidado no oitavo dia, sou da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus; quanto à observância da Lei, fariseu; no tocante ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que vem da Lei, irrepreensível” (Fl 3,4-6), não se contentava com um nada, com a vida tranquila –, o que será que encontrou para afirmar que o que lhe aconteceu despertou sua vontade, pôs em ação todo o seu desejo de correr para alcançá-Lo? Sem isto a vida seria chata, pessoal! Cedo ou tarde, depois da efervescência da adolescência, tudo fica chato. Era um adulto que dizia isto, e todos nós, mais jovens que ele, gostaríamos de ter esse desejo de corrermos assim para alcançá-Lo. Digo isto porque sinto muito se perdemos o sentido do que fazemos, porque se não é assim, se não nos exalta rezar as Laudes, então se torna um formalismo de CL que cedo ou tarde não interessará mais vocês. Rezar já não é ir procurar alguém que me ponha de novo em ação, para o qual eu corro; como aconteceu com Maria Madalena: não podia se conter e então se levanta antes de todos para ir procurá-Lo. Senão já somos velhos; mesmo se vocês tiverem a ilusão de ser jovens de idade, são velhos! Maria, você ainda é jovem ou não?

Acho que sim. Neste verão fui passar três semanas em Dublin para estudar inglês e lá conheci muitas pessoas, sobretudo italianos, que estavam na escola comigo. A primeira coisa que percebi é que eu era um peixe fora d'água em relação a eles, no sentido de que era a única cristã, a única – ou eu achava – não cínica, com uma esperança, todos os outros já eram...

Vejam: “A única não cínica, a única com uma esperança”, na sua idade, entre todos os colegas.

Falando com uma menina, num determinado momento, começamos a falar da religião, e ela me disse: “Eu parei de acreditar, porque acho que seja tudo uma mentira que o homem inventou porque tem medo de morrer e assim tem uma esperança para seguir em frente. Eu não tenho medo nenhum de morrer, porque vou desaparecer mesmo assim, nem tenho medo de sofrer, porque depois não vou sentir mais nada. Só lamento pelos que ficam”. Naquela hora eu disse: “Como assim? Não é possível. Quero crer que, se temos o desejo de que as coisas não acabem, deve haver algo que o satisfaça”. Depois passei o meu verão inteiro, todos os dias, pensando no que ela tinha me dito, e isso me deixou em crise, porque me dei conta de que parece mais fácil, por mais que

decepção, e até mais racional, acreditar que vivemos a nossa vida e depois desaparecemos do que ter de acreditar no Paraíso, que me parece um pouco como um sonho duvidoso, indemonstrável. Esta é a primeira coisa: parece-me que a hipótese dela, que abalou toda a minha vida em que fui cristão, seja mais crível do que a minha, mais defensável. A segunda pergunta diz respeito aos Colegiais...

E por que você está aqui, então?

Estou aqui por essa pergunta, para encontrar uma resposta.

Por essa pergunta. Ótimo. Esta já é uma razão adequada: por uma pergunta.

E a segunda é esta: contando isso...

Podemos retomar a primeira pergunta? O que você tem na sua experiência para responder a essa pergunta? Prestem atenção, porque vocês, não se dando conta do que acontece, não identificam em suas vidas a resposta à pergunta; e assim uma pessoa que você encontra te “atropela” com a primeira pergunta que lhe faz. E qual é a sua tentação? Vir aqui para eu responder à sua pergunta. Mas eu não tenho nenhuma intenção de responder. Só quero ajudá-la a encontrar a resposta. Vamos fazer isso juntos, eu não faço nada independentemente de você, porque senão eu teria ficado em casa hoje. Vamos fazer juntos a descoberta partindo do que você disse, porque você já nos disse, a questão é que não se dá conta. O que você disse? Se estivesse consciente, poderia ter dito a essa amiga... já lhe dei uma dica quando retomei a sua frase: “a única não cínica, a única com uma esperança”. Você gostaria de ser cínica como ela, sem esperança?

Não.

Então de onde vem essa esperança?

Da vida que vivi.

Então tem algo a dizer à sua amiga?

Sim.

Não um sonho, porque um sonho não lhe desperta essa esperança. É um sonho o que te impediu de sucumbir ao cinismo?

Não.

O que foi?

Uma vida concreta.

Um fato! Um fato, não um sonho. Um fato! Mas, como não nos damos conta disso, não vemos a diferença. Você gostaria de se tornar como as pessoas que encontrou lá? Não. Por que não? Porque é mais moralista? Porque é uma carola? Porque tem medo da morte, como ela diz? É por isso que você não quer ficar assim? Não. Por quê? Para não perder o melhor da vida. Tudo, menos medo!

Posso fazer uma segunda pergunta?

Vai, força! Meu professor me dizia: “Os bons toureiros se fazem na frente dos bons touros”. Eu preciso de um touro. Por isso a estou desafiando, senão não posso dar o melhor de mim. Preciso de você, desafie-me você também!

Eu pensei na minha vida, pensei no Movimento e disse: até poderia ir embora e ver como fico sem, porque de fato é uma experiência que me faz ser cristão.

Certo. E então?

Não posso ir embora, não posso, não consigo. Mas a dúvida que me veio foi esta: e se o Movimento for só uma bela maneira de viver que o homem encontrou num dado momento da história? A dúvida que me veio é que, por mais que eu seja afeiçoada pelos Colegiais e não possa viver sem ele, isto poderia ser uma bela maneira de viver que o homem encontrou, mas depois vamos desaparecer do mesmo jeito.

Poderia ser. Ou poderia ser o contrário. Deixe aberta essa pergunta, porque não sou eu que posso responder a ela. Não é que não queria responder, o problema é que não adianta que eu lhe responda. É preciso que você o verifique em sua experiência. Até agora o Movimento foi capaz de despertar toda a vontade de viver que você não vê nas pessoas da sua idade? O que te faz pensar isso? Que todos os outros, com tudo o que têm na cabeça, com todas as teorias que têm, não têm um instante dessa experiência que você tem, e não têm um instante dessa vitória contra o niilismo que você tem.

Você precisa acertar as contas com isso. O que despertou a sua esperança? Foi só uma ilusão? Foi só um sonho? O que a fez surgir em você foi alguma capacidade sua de performance ou foi algo que lhe aconteceu na vida?

Houve alguma coisa.

Então, dizia Dom Giussani às pessoas no início do Movimento, a vida de GS é fazer a verificação disso. E você vai crescer na certeza, mesmo diante de todas as objeções das pessoas que encontrar em seu caminho, como quando vai a Dublin, porque fica cheia de razões. Pois ir a Dublin e encontrar uma menina como aquela lhe deu mais razões do que você carrega. Se agora você se desse conta do que disse, devido ao encontro com uma pessoa que lhe fez aquela pergunta, deveria agradecê-la pelo resto da sua vida, porque te tornou consciente do que você carrega. Então entendemos que até aquilo que sentimos como objeção, até alguém que nos deixa em crise é um bem para nós. Ainda bem que há alguém que me deixa em crise, porque fazendo assim me dou conta do que carrego. Lembra-se de algum episódio da vida de Jesus em que os apóstolos entraram em crise e isso os fez entender o que tinham encontrado? Não é que os discípulos eram sortudos por terem Jesus, enquanto nós seríamos “azarados” porque não O temos na nossa frente. Nós temos todos os sinais dos apóstolos e todos os desafios dos apóstolos. Dê-me um exemplo do Evangelho no qual vemos isso. Um, não é muito, um!

Talvez quando estão no barco e chega a tempestade; Jesus está dormindo, e eles ficam com medo porque estão afundando, talvez.

Esse é um.

Jesus está dormindo e então o acordam, Ele acorda tranquilo e aplaca a tempestade.

Esse é um exemplo. Quando foram realmente desafiados é quando ficaram sozinhos com Jesus, depois que todos os outros tinham ido embora (como aconteceu com você: era o único peixe fora d’água), porque todos os outros pensavam: “Ele é louco!”. Depois de o terem ouvido falar do pão da vida que era o Seu corpo, exclamaram: “Ele está completamente louco!”. E todos foram embora. Naquele momento os discípulos entraram em crise, exatamente como aconteceu com você. E o que Jesus fez para ajudá-los a enfrentar a crise? Realizou mais algum milagre? Como se dissesse: “Agora vou resolver a crise de vocês com um milagre e lhes digo quem sou”. Mas os discípulos já tinham visto milagres por demais. Mais um milagre teria resolvido alguma coisa? Não. Se Jesus tivesse usado efeitos especiais “à Hollywood”, será que os teria atraído mais? Os efeitos especiais não valem para atrair. O que mais Jesus fez pelos seus amigos? Colocou-lhes uma pergunta: “Vós também quereis ir embora?” (Jo 6,67). Em vez de lhes dar alguma outra razão para ficarem, Jesus os desafia ainda mais. Não resolve a crise, como muitas vezes os grandes querem fazer com vocês, dando-lhes eles mesmos as respostas. Jesus não se comporta assim, faz mais uma pergunta, radicaliza a crise dos discípulos. Por quê? O que Jesus está fazendo? Que confiança tem Jesus nos apóstolos para fazer-lhes uma pergunta sem dar a resposta? É o que estou fazendo com você. Estou lhe dizendo que você já tem a resposta para a sua pergunta na sua experiência, mas não se dá conta. Como te ajudo? Fazendo uma pergunta – como fez Jesus: “Vós também quereis ir embora?” –: por que veio aqui esta manhã?

Para responder a essa pergunta

Você teve de se dar razões para estar aqui hoje, porque, se tivesse sido atropelada pela crise, teria pensado: “Esse é um grupo de gente maluca, não volto mais”. Por que, então, está aqui? Porque fez um percurso, e a crise não a derrubou. E esse percurso lhe deu uma razão, de fato você teve de se dar uma razão para vir aqui. Isso a fez crescer, ser mais você mesma. Mas não porque tenha tido uma visão ou porque Jesus tenha usado efeitos especiais, ou porque alguém a tenha convencido de que os outros são “loucos”. Não. Porque lhe permitiu percorrer a experiência que você fez. E o que Jesus faz com a pergunta aos discípulos? Obriga-os a se dar as razões pelas quais ficam com Ele. E para se darem as razões precisam rever toda a vida que transcorreram com Ele. Jesus os induz a extrair das entranhas da experiência que viveram com ele a consciência de por que vale a pena ficar com Ele; e então Pedro diz: “A quem iremos, Senhor?” (Jo 6,68). Como aconteceu a você: se vou embora daqui, aonde vou? Então a crise é um momento exaltante, se não nos

assustamos. Jesus, em vez de responder, desafiou-os. Muitas vezes ficamos com preguiça e despejamos a pergunta em alguém que nos poupe de responder. Mas um amigo é aquele que acredita realmente que você seja capaz de identificar na sua experiência o que já existe, e por isso te desafia e diz: “Pare de ser preguiçosa, leve a sério a sua pergunta e vá procurar a resposta na sua experiência, porque está lá, porque senão você não estaria aqui”. Por que tenho certeza de que você a tem? Pelo que você disse antes. Não preciso inventar nada e não preciso fazer um ato de fé em algo que não vejo para me convencer de que você tem a resposta. Repito: alguém é amigo se a ajuda a fazer esse trabalho, senão a engana poupando-a dele, porque é como se lhe dissesse: “Bem no fundo, você é burra, não pode chegar à resposta, por isso eu a dou a você”. Não! Você não é burra; Jesus não trata os discípulos como burros. Mas se você se deixa tratar como burra, não é porque o seja, mas porque aceita ser tratada assim. Não ponham a culpa nos grandes por agirem assim, porque vocês não são burros, mas fingem ser! Veem como para viver é preciso lançar-se? Isto é exaltante, porque então qualquer coisa que fazemos é por isso, ninguém nos pode poupar disso. Porque a resposta está em você. Se for o caso, é uma pergunta que devemos fazer, como você fez agora, para nos ajudarmos a redescobrir o caminho. Mas o caminho é verdadeiro se lhe faz descobrir o que você já tem na experiência, não devo dizer-lhe algo porque você tem de me escutar. O começo de tudo é um fato que nos aconteceu e que, por isso, temos na nossa experiência. Obrigado.

Quando me enviaram a pergunta que precisava trabalhar para a Equipe, logo pensei que não podia deixar de contar o que me aconteceu este verão. Durante todo o mês de julho, fui fazer umas férias de estudo em Dublin com três amigas para aprender inglês. Antes de partir, não tinha ideia do que é que eu ia encontrar. Estava muito assustada com essa nova aventura, porque não conhecia muito bem as amigas com quem viajei. Os primeiros dias, de fato, foram terríveis. Não gostava da família que me hospedou e me senti realmente muito sozinha. Já não via a hora de voltar para casa e encontrar os amigos, o namorado e a família, e meu único pensamento estava voltado ao que estava perdendo na minha cidade. A realidade, porém, era outra, e nessa altura do campeonato eu tinha de ficar lá, por isso tudo o que podia fazer era confiar-me a Outro e aceitar o que me era dado. Eu, na verdade, não sabia muito bem como fazer. Confiar-se é muito mais simples de dizer do que de fazer. Mas esse mês também me serviu muito para entender isto.

Viram só? Esse mês também serviu para entender, porque não se entende virando a cabeça para outro lado, mas atravessando as circunstâncias.

De fato, tudo mudou quando percebi que eu, na verdade, não devia fazer absolutamente nada a não ser eu mesma diante de tudo o que encontrava. O resultado foi muito bonito mesmo. Quando encontra pessoas de outros países que têm uma vida, pensamentos, uma religião diferente da sua, você fica obrigado a se confrontar com eles, a ter um diálogo. E a partir do momento em que me punha em confronto com essas pessoas, elas percebiam que em mim havia algo diferente que as interessava. Sem que eu fizesse nada de particular, as pessoas notavam em mim algo de verdadeiro e de interessante para seguir. Um exemplo disto é uma linda amizade que nasceu com alguns garotos turcos que estavam na minha classe. A princípio eles não falavam com ninguém, eram muito fechados e quase davam medo às outras pessoas. Um dia meu professor me mandou fazer o speaking com esses dois garotos; a princípio eu não sabia o que fazer, porque não queriam falar comigo. Assim decidi lançar-me e comecei a lhes contar tudo o que tinha feito no dia anterior. Falei por cerca de dez minutos sem parar, quando me escapou que, como tinha passado o domingo, eu tinha ido à missa. Aqueles dois garotos turcos, muçulmanos, de repente levantaram a cabeça e começaram a fazer muitíssimas perguntas sobre a minha religião. Eu não pensava no que estava acontecendo, mas dessa conversa com eles nasceu uma belíssima amizade. Eles se abriram enormemente comigo e depois também com toda a classe. Muitas vezes conversávamos e nos confrontávamos sobre a nossa religião. Um dia, falando disso mesmo, me fizeram notar uma coisa que me marcou muito. Durante a aula, Omar, um deles, me perguntou desde quando eu era cristã; sem nem pensar, respondi que sou cristã desde o berço, mesmo tendo feito o encontro com Cristo

graças à companhia dos Colegiais quando comecei o Ensino Médio. Aqueles dois garotos ficaram surpresos com o que eu lhes estava dizendo e com os olhos escancarados me olharam e disseram: “Viu só? É justamente isso que nos falta: um encontro verdadeiro, porque a nossa religião muitas vezes é imposta a nós, enquanto dá para ver que você a tem viva dentro de si”. Quem diria? Dois turcos que me fazem lembrar o que eu tinha encontrado, que me fazem perceber ainda mais o que eu tinha. Todo o resto do mês foi cheio de encontros com pessoas que, olhando para mim, ficavam impressionadas com minha maneira de ficar diante das circunstâncias. Outro exemplo muito bonito é a amizade nascida com um garoto siciliano. Depois de três dias que nos conhecemos, ele veio me falar dizendo estas palavras: “Sabe, eu percebo que na vida há uma grande diferença entre as pessoas que existem e as pessoas que vivem, e você tem olhos que vivem. Diga-me como faz. Eu preciso aprender a viver”. Falando com ele, percebi como tínhamos o mesmo desejo de ficar bem, a mesma necessidade de ser felizes. Durante esse mês me dei conta da importância da Escola de Comunidade. De fato, mesmo estando em outra cidade, com amigas diferentes que não são do meu grupo, tivemos a necessidade de continuar a fazê-la, mesmo sendo apenas quatro. Um dia também convidei para a Escola de Comunidade aquele menino siciliano, que a princípio recusou. Na metade do gesto ele entrou na sala onde estávamos, perguntando se poderia escutar um pouco. No momento em que entrou, eu estava contando do quanto me sentia amada naquele momento, de um amor tão grande que definia o meu ficar perante as coisas. No fim da Escola de Comunidade, o siciliano veio falar conosco com toda a sua necessidade e perguntou: “Vocês realmente se sentem amadas? Porque eu quero me sentir assim. Quero ficar bem como vocês”. Estes são exemplos banais que marcaram todo o meu mês em Dublin. Ganhei um presente depois do outro. Cada dia havia algo ou alguém que mi fazia perceber sempre mais a grandeza que encontrei. Cada dia para mim era sempre mais uma confirmação. Muito simplesmente, lembro que um professor, na metade da aula, um dia olhou para mim e me perguntou como eu fazia para estar sempre feliz na aula. Nunca tinha tido um aluno tão sorridente e viu que meu sorriso tinha mudado toda a classe. No último dia, quando veio se despedir, disse-me que se lembrará do meu sorriso por muito tempo. Outro professor, sendo uma figura meio estranha, gostava muito de nos fazer falar na aula sobre temas muito difíceis, como a religião, os gays ou o gênero; muitas vezes me achei sozinha na sala a defender minhas opiniões e aquilo em que acreditava. Esse professor era sempre o primeiro que se opunha a mim e tentava de todas as formas me provocar e me fazer perguntas às quais eu não conseguiria encontrar respostas. Em todas essas conversas eu tentava não ir contra ninguém, mas simplesmente ser verdadeira com o que pensava e com o que encontrei. Também esse professor, no último dia, veio até mim agradecendo-me e dizendo-me que não é que tinha mudado de ideia, mas que nunca tinha encontrado uma garota que fosse tão verdadeira diante das coisas em que acredita. Um dia uma menina que tínhamos encontrado veio falar comigo agradecendo-me por eu lhe ter ensinado um olhar que se pode ter diante das outras pessoas. A coisa mais bonita é que tudo isto que aconteceu durante esse mês não acabou, mas ainda dura. Todo dia os amigos turcos me pedem para lhes escrever porque precisam dessa amizade. Quando voltamos, de vez em quando, o garoto siciliano me escrevia que não sabia como fazer, pois na sua cidade não havia pessoas como nós que o ajudassem a levar a sério todas as suas perguntas. Depois, na verdade, há poucos dias me escreveu uma linda mensagem, dizendo-me que se tornou cristão. Uma garota veio me agradecer e agora vai conosco às férias de verão. Mas tudo isto aconteceu não só com as pessoas que encontrei em Dublin, mas também com todos os que tinha deixado em Rimini. Quando voltei, também tinha mudada a maneira de ficar diante de meus pais, do namorado e dos amigos, e para mim foi mais ainda uma confirmação. Quando você está em outra cidade, percebe que verá as pessoas que estão na sua frente por um mês de sua vida, então você fica obrigado a se perguntar o que quer ser, enquanto às vezes, quando está na sua cidade, corre o risco de ser esmagado pelos hábitos. Na verdade, para mim não foi assim, porque quando voltei tinha em mim uma consciência diferente. Eu me dei conta de que o encontro com Cristo me tomou toda. Posso até não pensar nisso, posso cair em todos os pecados humanos, queixar-me de que as coisas não estão como eu quero, mas esse encontro já definiu tudo: a mim mesma, à minha vida, ao meu modo de ficar diante

das coisas. Esse Amigo já não me abandona, cabe a mim reconhecê-Lo. Retomando a pergunta que nos foi feita para a Equipe: eu me dei conta de ter encontrado esse Amigo por todo o verão nos amigos que foram colocados ao meu lado, tanto em Dublin como em Rimini, não fui abandonada nem um segundo. E isto porque nas pessoas que encontrava estava o reflexo do que eu encontrei.

Então o que você aprendeu com isso? O que a fez pensar desse Amigo? O que você aprendeu com a pergunta que fizeram sobre “um amigo à altura do desejo”? Tudo isso que você encontrou lhe fez entender o quê?

Fez entender que muitas vezes eu crio para mim grandes paranoias.

Perfeito. Paranoias! Subscriva: paranoias! Fazemos das paranoias uma realidade e depois vamos atrás das paranoias como se fossem realidade; porém são apenas paranoias!

Na verdade, no fim não preciso criar todas essas paranoias, porque o que encontrei é realmente muito maior e, como dizíamos antes, eu já fui conquistada por Ele.

Sim, mas nesse verão todo você não encontrou nem mesmo um que se encaixe no conceito de “amigo” que muitas vezes nós temos. Muitos poderiam ter passado o mês inteiro em Dublin se lamentando porque não estavam os amigos de suas cidades. Mas o que você descobriu no que nos contou?

Descobri que antes de tudo o amigo estava dentro de mim.

Ou seja?

Quer dizer que eu é que o tinha.

Que você o tinha! Que quer dizer que você o tinha? É uma imaginação sua?

Não.

Que quer dizer que você o tinha? Onde estava?

Em mim mesma.

“Em mim mesma”. Você tem de explicar bem, pois não sei se entendeu.

Saía de mim no momento em que...

“Saía de mim”. Você o inventava, o criava, o gerava?

Não. Era um fato.

Explique-me melhor como isso ocorre.

Simplesmente, no amigo que lhe diz: “Você tem olhos que vivem, nesses olhos...”

Nesses olhos?

... há algo”.

E como é que você produziu esses olhos?

Por um encontro com Cristo.

Não vamos perder o fio de como aconteceram as coisas. Onde você viu Cristo? O que produziu esses olhos que você vê em si mesma?

Um amor que senti...

Um amor?! Se disserem essas coisas em público, as pessoas vão pensar que vocês perderam a cabeça. Se disserem a mim, até passa, mas se disserem a outro lhes responderia: “Isso me confirma que não vale a pena ser cristão”. Por isso, explique bem o que lhe aconteceu, sem se afastar nem um milímetro da experiência feita. Conte-me como alcançou aquele olhar. Porque é disso que vocês não se dão conta. Que caminho fez para identificar esse olhar em si mesma agora? Porque é verdade o que você diz, que tem o olhar em si mesma, que está dentro de você, mas como chegou dentro de você? Você o tinha por natureza? Já estava em você *by default*? E por que todos os outros não o têm? Se estivesse presente por natureza, os turcos, o siciliano, o professor, todos aqueles de quem você falou deveriam tê-lo como você, mas eles nem sequer sonham. Então, como chegou a você? Você teve alguma visão?

Não, não.

Alguma aparição?

Não.

O que aconteceu?

Eu tenho em mente alguns rostos de amigos e de adultos...

Antes de tê-los em mente, o que teve de acontecer? Na origem não os tinha em mente, não sabia nem sequer que existiam. Vocês pulam todas as passagens. Antes você sabia que esse olhar existia, o conhecia desde o nascimento?

Não.

Nem tendo sido educada – você disse antes –, porque vocês não se dão conta do que dizem. Qual é a diferença que o garoto turco observou em você? É algo que ele não tem e que você, pelo contrário, teve. Você acabou de dizer. Que palavra usou? Uma palavra!

Um encontro.

Perfeito! E um encontro com o quê? Com uma imaginação? Com um sentimento? Com o amor que tinha asas? O que era? Um rol de leis? Algum manual de instruções qualquer? O que era? Um encontro com uma carne, com rostos, com homens nos quais você surpreendeu esse olhar. Tanto é verdade, que o turco identifica muito mais que você a dimensão do encontro, porque ele se dá conta da questão: “Qual é a grande diferença entre mim e você? Que eu sempre estive dentro de um costume”, ele dizia: algo estabelecido, o que é pior; “mas o que falta na minha religião é um encontro”. Primeiro passo. E o que ocorreu depois? Você deparou com um olhar diferente; mal aconteceu, te investiu e você o percebe em si mesma. E o que aconteceu após o encontro?

Que esse olhar definiu minha maneira de ficar diante das coisas.

Como? Magicamente?

Não, não.

Houve um *flash* e então ficou tudo certo?

Não, a consciência...

Não! Digam-me tudo, porque vocês dão tudo por óbvio, e depois dizem: “Um amor”. Não faço isto para fazê-la perder tempo, uma vez que você já sabe, mas porque quando lhe faço uma pergunta você me fala do amor abstratamente. Entende? Em vez de me falar do encontro com rostos concretos, com pessoas nas quais encontrou esse olhar, etc., etc. Mas como se tornou seu?

Meu olhar ficou assim.

Como se tornou seu? Já no primeiro dia...

Vivo.

Você seguiu aquelas pessoas.

Sim.

E, num dado momento, você se surpreendeu por ter esse olhar do qual não estava consciente. Foram os outros, fora de você, que a fizeram entender a diversidade que carrega. Então quem foram os amigos neste verão? Os que você tinha deixado em Rímíni, ou os que estavam na sua frente em Dublin e que a tornaram consciente daquilo que as pessoas da sua cidade lhe deram?

Os que me deram essa consciência.

E onde estavam os da sua cidade, se não estavam lá com você? Por que os que você encontrou em Dublin souberam que lhe tinha acontecido algo? Porque o olhar deles estava dentro de você. Você dizia: “eu” com um “nós” dentro. Por quê? Porque o “nós” já tinha se tornado seu, já tinha se tornado um olhar seu, já tinha se tornado a sua diversidade, já tinha se tornado a sua forma diferente de estar presente, o seu sorriso, o seu olhar, o seu ser você mesma, segundo tudo o que disse antes. O nós tinha virado a definição de você, do seu eu. Não precisava ter ao seu lado um de seus amigos, porque estava dentro de você, seus amigos estavam dentro de você, nós estávamos dentro de você, estávamos em Dublin com você. E você se dava conta disto porque os outros se surpreendiam com você: “Por que é que você é assim? Por que vive assim e não apenas existe?”, para usar as palavras que você usou. Quem a faz viver assim? Quem a faz viver assim?! Então, em tudo isso você disse, usou uma palavra: a que serviu todo este verão para o seu caminho? Que palavra usou? O que significou tudo isso que nos contou? Você disse com uma palavra!

Uma confirmação.

“Uma confirmação”. Uma confirmação. Sem ter ido a Dublin, sem ter cruzado com todos eles, sem ter encontrado toda aquela diversidade de pessoas – ninguém pensava como você –, você não teria se dado conta da diversidade que carrega, da novidade que o encontro feito produz na vida, e então

você não estaria tão certa como está agora. Se alguém se poupasse, pensando: “Não, estou com medo, não vou”, não teria essa confirmação. Então, quando o Papa Francisco diz que nos convém sair, não está dando instruções aos melhores para irem fazer missão; não, ele nos convida a sair para vermos a confirmação em nós, na nossa experiência, do que se passou conosco. Porque se a pessoa não sair da sua casinha não terá a confirmação que você teve. Se você tivesse dito: “Não é possível, sem meus amigos não posso ir a nenhum lugar”, você não teria tido essa confirmação. Certo? Então fazer isto é um de mais ou um de menos?

É um de mais.

E isto não quer dizer que você deve ir sempre sozinha, porque tem os amigos dentro de si. E se dá conta do que são para você, do que quer dizer pertencer a Cristo na comunidade cristã, justamente por essa experiência feita: você pode ir até o fim do mundo. Como aconteceu com os discípulos: não ficaram fechados no cenáculo; no começo sim, antes de serem invadidos pelo Espírito Santo ficaram todos amedrontados, sozinhos, cheios de medo do que havia fora, mas depois foi uma explosão: foram pelo mundo, não ficaram lambendo as feridas dizendo: “Somos uns coitados, Cristo foi embora, estamos aqui sozinhos”. Ele já tinha entrado dentro deles até a medula, e por isso foram pelo mundo, não só para dizer o que tinham visto, mas também para viver. A missão não é algo agregado à vida, algo que “devo” fazer. Sem nem sequer pôr-se o propósito, você faz missão vivendo a sua vida. E a primeira para quem serve agir assim é você. Imagine se todas as coisas que vivemos, se todos os desafios da vida que temos de enfrentar fossem para essa confirmação. É esta a beleza da situação atual, pessoal: estamos num mundo plural; mal saímos de casa, nos achamos neste mundo global onde cada um pensa diferentemente. Ainda bem, porque finalmente podemos ser cristãos “livremente”, sem que deva haver condições particulares; não temos outra condição senão o que se passou conosco. Como aconteceu aos primeiros que O encontraram: todo o império Romano era diferente, havia o Panteão com todas as religiões, e será que isto os assustou? Pelo contrário: foram mostrar, no viver, a diversidade que eram, que carregaram dentro de si. E todos, como você, se davam conta. Não é porque fossem grandiosos, porque fossem importantes, porque ocupassem um dado posto na administração, não sei que grau na administração romana, pois aquela diversidade passava por meio dos escravos, dos mercantes, dos soldados, da gente normal como você, que vai estudar inglês. E nunca como no início a Igreja foi tão missionária. O problema é quando “temos de” fazer a missão, pois isto quer dizer que tem de haver algum “especialista” da missão. Não. A missão é de todos a quem aconteceu encontrar Cristo. No dia em que “tivermos de” fazê-la, quer dizer que perdemos algo no caminho. Você não fez um curso para a missão tendo de ir estudar inglês, você foi missionária porque isso pertence ao seu DNA de cristã, devido ao encontro que fez. E todas as palavras adquirem um significado diferente. Isto é fascinante primeiramente para nós, imagine para os outros, que de fato não podem deixar de desejar ficar em contato conosco depois de nos ter encontrado. Imaginem, depois de um verão como esse que a nossa amiga passou, o que seria toda a vida vivida assim! Vocês decidem, pessoal! Se tiverem algo mais interessante para fazer, vão! Quando ficarem cansados podem voltar, e nós ainda estaremos aqui – ela e eu, pelo menos – vivendo isto. Deixamos a casa aberta para vocês. Obrigado.

Em setembro do ano passado, fiquei mal devido a diversas situações por que passei. Sempre tive um grande desejo de ser feliz, mas naquele momento esse desejo me incomodava muito, porque mesmo tendo esse grande desejo nunca conseguia ser feliz, e além disso não conseguia me abrir com os outros, não conseguia dizer o que tinha dentro de mim, me sentia sozinho. O que aconteceu? Uma professora minha, antes do Tríduo deste ano, me convenceu a escrever uma carta a Pe. Pigi para contar o que tinha dentro de mim. Então lhe disse que, apesar desse meu incômodo, esse desejo era a coisa mais verdadeira que eu tinha. Pigi me respondeu que simplesmente é assim, que a única verdade da nossa vida é esse infinito que grita dentro de nós. E então tudo mudou para mim depois do Tríduo, pois entendi que preciso seguir o desejo de plenitude e de felicidade que tenho desde sempre e que sempre encontrou uma correspondência no Movimento, graças aos encontros feitos e aos rostos conhecidos durante estes anos. Tudo, até a tristeza e a raiva, serve

para seguir esse desejo. E desde depois do Tríduo essa certeza nunca mais me abandonou, nem essa determinação de sempre buscar o que aquieta o meu coração, e encontrei isso de forma ainda mais verdadeira do que antes dentro do Movimento, mas também e principalmente fora (também pelo que a menina que me precedeu dizia), na relação com os meus amigos, com os parentes, com as circunstâncias deste verão, durante as férias, onde mais do que nos outros anos encontrei amigos verdadeiros. Esta busca e este desejo tornaram tudo novo, autêntico, com um gosto diferente dos anos anteriores, quando eu participava dos gestos dos Colegiais sem me lançar completamente. Nunca me abandonou esse desejo que eu queria tanto descrever com uma palavra menos abstrata, de tão verdadeiro e carnal. Por isso mesmo não posso deixar de chamá-lo de “Deus”. Não saberia explicar de outra maneira. Não é um desejo abstrato que me anima, é um amigo que não me abandona, porque todo dia deixa meu coração inquieto, à procura d’Ele, e se renova, se reafirma em mim a cada dia. Não se afirmou no Tríduo ou nas férias, ele se afirma hoje ao lhes comunicar a minha experiência, ao querer tornar todos os relacionamentos plenos, como consegui fazer desde que passei a ter esta convicção. E depois a coisa mais importante: não o quero só durante o verão, quero sempre. E, por isso, a pergunta que vocês fizeram, sobre o amigo que nunca nos abandona, continua aberta para mim, como todas as perguntas mais verdadeiras. Esse amigo pode estar comigo e tornar-me verdadeiro, pleno e vivo para sempre?

O que você acha?

O que eu acho? Que tenho de verificar.

Perfeito. Perfeito! Tem de verificá-lo. E deve arriscá-lo constantemente para verificá-lo. Porque só isso é que te convencerá sempre mais. Mas antes você dizia que esse desejo o incomodava.

Sim.

E já que muitas vezes incomoda porque nos agita, nos relança, nos faz tender a algo, às vezes tentamos tirá-lo da frente.

Eu realmente não sabia o que fazer com esse desejo.

Essa é a questão: muitas vezes não sabemos o que fazer com esse desejo. E por não sabermos o que fazer com ele, com frequência nos incomoda, é apenas um sofrimento, é simplesmente algo que preferiríamos não ter, e então pensamos que a única maneira de nos livrarmos do desejo seja a distração. A alternativa para esse incômodo parece ser a distração, mas depois qualquer coisa basta para fazer o desejo reaparecer com toda a sua força; a distração é inútil! Porque sempre temos o filho pródigo à nossa frente: ele também queria fugir, mas, num determinado momento, nem sequer em meio aos porcos podia evitar que o desejo reaparecesse. E isto é espetacular, porque nos faz entender que, diante de qualquer coisa que fizermos, se não for verdadeira, se não aceitar o que há de verdadeiro em nós, o desejo reaparece, reaparece, reaparece. Então o que isso lhe ensina sobre você?

Que eu fico mais pleno seguindo esse desejo que tenho.

Que o desejo é parte constitutiva de você, é o que o constitui. Você é esse desejo, você coincide com esse desejo. Não pode ser você mesmo sem esse desejo, que é muito mais que aquilo que você consegue entender. O Mistério não lhe dá uma aula sobre o desejo, mas o coloca dentro de você, em cada fibra do seu ser, e lhe dá todo o tempo da vida para entender por que motivo lhe deu. Sem isto, tudo fica chato. Você diz: esta busca e este desejo tornaram tudo novo e autêntico, porque sem isso, diz Gaber na famosa música sobre o desejo (*Il desiderio*, G. Gaber e A. Luporini), a vida é tédio. O desejo pode incomodar, mas a alternativa a não tê-lo é o tédio. Como acontece com muitos que renunciam à natureza desse desejo: os vemos aborrecidos já na idade de vocês. Imaginem que vida os espera! É entusiasmante só de pensar, ou não? Então, a primeira questão é nos darmos conta disto. Espero que amanhã Marta lhes explique por quê... pensem que Dom Giussani começou o Movimento falando justamente do desejo, num momento em que ninguém falava dele a não ser para achatá-lo. Parece um nada partir daí, mas quem pode falar do desejo? Quem pode olhar para o desejo? Porque, como você diz, não se sabe para que serve, incomoda. Os antigos pagãos não eram capazes de ficar diante do desejo e por isso tentavam reduzi-lo. O desejo era perigoso demais. A *hybris* era perigosa demais. Então tentavam mirar mais baixo, falando de *aurea mediocritas*, o

termo médio, porque assim o mantinham um pouco sob controle, senão o desejo vinha à tona e criava confusões. Por isso é normal que, tendo voltado ao paganismo, as pessoas não sejam capazes de ficar diante do desejo senão para distrair-se ou para tentar apagá-lo de muitas formas. Só houve um homem capaz de ficar diante do desejo do homem sem reduzi-lo, aliás, exaltando-o; por isso dizia antes que não podemos passar por cima das palavras de São Paulo que recitamos nas Laudes como se nada fossem. Cristo não veio para nos distrair do desejo, mas para levá-lo a sério. Quando Jesus encontra a Samaritana, ela começa a jogar com a questão da água e tudo o mais, até que Jesus lhe diz: “Para com isso! Não é um problema ter ou não ter um balde, o problema é que essa água não sacia a tua sede”. Ele começa a desafiar aquela mulher pela sede do seu desejo. E qual ela lhe pergunta: “Não tens sequer um balde para tirar a água”, Ele responde: “Eu tenho uma água que pode saciar a tua sede”, ou seja, o desejo da Samaritana. Então ela para de jogar com as palavras e Lhe diz: “Dá-me dessa água...” (Jo 4,7-15). Só uma promessa assim pode interromper os jogos daquela mulher. Jesus não se detém muito nas tentativas desajeitadas que ela fez: cinco maridos. Mas, se Jesus não responde àquele desejo que a tinha feito trocar tanto de marido, ela procuraria outro, um sétimo, um oitavo. Não interessa a Ele pôr em ordem a vida dela, porque sabe que a única coisa que pode pôr em ordem a vida da Samaritana é que encontro a resposta ao seu desejo. Que certeza devia ter Jesus de ser Ele mesmo a resposta, a ponto de não fugir diante do desejo como os pagãos; com efeito, não só não foge, mas lhe faz a maior promessa: “Quem me segue terá o cêntuplo”, não só viverá, mas viverá cem vezes mais, “ou melhor, sou eu mesmo que desperto ainda mais a vossa sede. Não venho extingui-la, mas a exalto ainda mais. Por isso ponho uma nostalgia dentro do vosso coração”.

E isso é uma coisa de todos os dias, então.

Exatamente! Porque o problema, como diz o canto latino-americano *Razón de vivir*, é nunca perdermos o anjo da nostalgia. Porque muitas vezes, quando alguém pensa que vai encontrar na pessoa amada o que realiza seu desejo, no fundo perde o anjo da nostalgia, já não sente nostalgia, acha que a realização do desejo seja extingui-lo no outro. Por isso muitas pessoas dizem: eu não quero perder a nostalgia, não quero perder o desejo; por que eu iria me envolver numa relação, se depois perco o anjo da nostalgia? O problema é se há algo que responde ao desejo e ao mesmo tempo o exalta, sem fazer perder o anjo da nostalgia, pois senão tudo fica chato novamente. É essa resposta e essa exaltação que Alguém introduziu na história. Por isso, um grande gênio como Santo Tomás de Aquino falava do *desiderium naturae*, que não é um desejo banal qualquer que qualquer coisa pode satisfazer, mas é o desejo que nos constitui na raiz. Por isso gosto tanto da frase de João Paulo II que Dom Giussani citava: “Não haverá fidelidade [...] se no coração do homem não se encontrar uma pergunta [ou um desejo] para a qual só Deus tem a resposta, ou melhor dizendo, para a qual só Deus é a resposta” (João Paulo II, *Homilia na viagem à República Dominicana, México e Bahamas*, 26 de janeiro de 1979), para a qual só Cristo é a resposta. Se quem quer que passasse pela rua fosse capaz de responder a esse desejo que nos constitui, por que valeria a pena ser cristão? Vale a pena ser cristão só por este motivo: porque só há Um que leva a sério o desejo e o exalta. Uma pergunta (um desejo) para a qual só Cristo é a resposta. Existe Alguém que não apaga o desejo porque lhes responde, mas que o exalta justamente ao respondê-lo continuamente. Por isso você disse que a sua busca tornou tudo novo e autêntico – não “apagar”, mas “exaltar”! O seu desejo vira novo, exaltado por Deus, pois, se não fosse um outro, um “tu” diferente de você, tudo isto seria um sonho.

Sim.

É Deus que fez você assim, é Deus que colocou em você esse desejo. É Deus, é verdade, é Deus que o exalta: um “tu” diferente de você, uma diversidade, algo fora de você que constantemente exalta o seu desejo. Por isso precisamos de um encontro. Por isso se tornou carne: para que o homem pudesse encontrar alguém que exaltasse o seu desejo, como a Samaritana perante Jesus, como os apóstolos perante Jesus, e como agora num lugar onde Jesus permanece: chama-se “Igreja de Deus”. Não se discute sobre a Igreja. As pessoas entendem o que é a Igreja porque permanece, para que os turcos, os sicilianos e o professor se deem conta de que você carrega algo na vida que os

outros, sendo homens como nós, não têm de forma tão exaltada. E então podemos entender que gratidão devemos ter por Cristo. E isto, como disse no fim, não pode não ser desejado para sempre. Portanto não há outro modo de viver senão buscá-Lo dia e noite, e não porque queiramos ser sei lá o quê, porque queiramos ser santos conforme a imagem de santo que temos na cabeça, mas santos porque não queremos perdê-Lo – isto é o santo – e por isso O procura sempre, dia e noite. Senão vocês se contentarão com migalhas. Porém, como me dizia uma menina este verão, uma vez que experimentamos isso, não podemos tirá-lo de nós: “Tenho saudade de mim”, dizia. Gostei muito dessa frase pronunciada por uma noviça do Grupo Adulto. O que queria dizer? Que Cristo levou a existência de uma pessoa que O encontrou a um nível de plenitude tal, que já não pode abrir mão disso; de fato, quando essa experiência decaí, sinto saudade desse “eu” que alcançou o apogeu. Já não podemos nos contentar com nada menor que isso. Por isso Dom Giussani dizia que, ao fim e ao cabo, a obediência é obediência a um “eu” tocado por Cristo, que já está dentro de mim, como experiência, nas entranhas do meu “eu”. Entrou tão fundo em mim, exaltou-me de tal forma, que eu conheço Cristo pela experiência de plenitude humana à qual me conduz. Se alguém quiser se contentar com algo menor, decida.

Este verão foi muito significativo para mim, porque cheguei às férias dos Colegiais desejoso de descobrir relacionamentos que realmente deixassem algo em mim, e de encontrar pessoas que realmente se interessassem por mim.

Por quê? Por que normalmente as relações com as pessoas não deixam nada em você?

Pois é, agora vou contar.

É impressionante como vocês começam a falar. Não é que as relações bastem, há muitas relações que não deixam rastros em nós.

Pois é. Antes das férias eu tinha passado alguns dias na base da diversão, de sair à noite com os amigos, com uma companhia com a qual ficava bem. Eu me divertia. Mas, depois de voltar para casa, de tudo terminar, sentia a amargura na boca e sentia que não estava plenamente feliz.

Veem como o detector funciona em vocês? Não podemos fingir que não temos o critério com que julgar tudo. O que quer dizer para você sentir “a amargura na boca”? O que quer dizer que você descobre dentro de si – sem que Pigi precise vir fazer a homilia, sem que precise vir Albertino ou um anjo do céu – essa amargura que lhe dá o indício para entender que há algo que não funciona? Não precisamos de outro que venha de fora. Não tente me enganar dizendo “Não sei, estou perdido”. Não, você não está perdido de jeito nenhum. O problema é se somos leais com essa amargura que sentimos na boca ou não. Ponto final. A questão é uma seriedade consigo mesmo. Não ponham a culpa nos outros, naqueles com quem vai à discoteca, naqueles que não te lembram disso, nos amigos que não te ajudariam; você tem o amargo na boca e deve decidir se segue esse amargo ou se segue o que te leva a algo diferente do amargo. E quem decide isso, pessoal? Cada um de nós, mas não para ir para o céu no futuro, não porque senão vamos para o inferno no futuro, porque o inferno começa aqui e o céu começa aqui.

O que mais me incomodava nessa amargura que sentia era a minha incapacidade de falar dela com esses amigos. Eu sentia essa inquietude, mas não conseguia falar dela com eles, tanto porque não me sentia entendido, quanto porque para eles não importava de verdade o que eu era, mas interessava apenas a noitada.

Mas você acha mesmo que dá certo com seus amigos travar um diálogo sobre uma coisa abstrata? Vai ter de mostrar a eles que encontrou algo que te ajuda a entender; Você começou a sentir algo que não era amargo porque alguém lhe explicou?

Não, porque senti um interesse.

De fato, o método que Jesus usa é totalmente diferente. Mas, como não nos damos conta disto, fazemos discursos aos outros. Mas fizeram a você um discurso quando encontrou o Movimento? Jesus – ponham na cabeça! – não perdeu nem um minuto fazendo propagando quando encontrou João e André, nem um minuto! “Vinde e vede”, disse. Mas muitas vezes, não sendo conscientes de como aconteceu conosco, mudamos o método e então pensamos que para encontrar as pessoas

precisamos dar uma aula. Deus inventou outro método. Quer te fazer entender o que é o amor? Em vez de lhe dar uma aula sobre o amor, faz você se apaixonar, uma experiência por meio da qual entende muito mais o que quer dizer amar uma pessoa e ser amado. Não lhe faz um discurso, faz acontecer para você, faz suceder para você para que não possa reduzir a um discurso abstrato. Faz você nascer numa família na qual é amado, lhe dá amigos por meio dos quais entende a diversidade das relações, como dizia antes: relacionamentos que deixem um rastro em você. Não é tudo igual, nem qualquer forma de ficar junto com os outros, nem uma família é igual à outra, nem os amigos são todos iguais aos outros. Não é tudo igual. E Deus faz acontecer o amor para que possamos entendê-lo. O amor não é uma palavra abstrata. Sabem por que ocorre o amor? Porque, quando acontece a experiência de amar e de ser amado, você o percebe, e quando não acontece você sente o amargo na boca. É fácil. Deus faz de um jeito fácil. A questão é que nós, para comunicá-lo aos outros, precisamos nos comportar como Deus, não podemos fazer de outra forma. Como vimos: a nossa amiga em Dublin pode encontrar-se diante de um jovem turco que não sabe de que está falando, e como o faz entender? Vivendo. Vivendo! Se você não se dá conta disso, diz: “Sou incapaz de comunicá-lo e meus amigos não entendem”. E você vai começar a pôr neles a culpa porque não entendem; mas não podem entender através de uma “explicação” sua. O problema é que você não se dá conta de que quem não entende é você, porque usa um método para fazê-los entender pelo qual é impossível que entendam. Isto me interessa particularmente, porque senão vocês entram num beco sem saída e, em vez de ficarem exaltados com o fato de eles verem uma diversidade em vocês, pões a culpa neles porque não entendem. E aí? O que fazemos? Talvez devamos oferecer-lhes um curso para prepará-los para entender? Uma espécie de pré-evangelização? João e André fizeram um curso de pré-evangelização, pré-encontro? Não! João e André já estavam prontos para o encontro. Você já estava pronto para o encontro. O outro já está pronto para o encontro. Por isso é preciso que aconteça o encontro; não que você explique ao outro o encontro, mas que lhe suceda. Você está pronto para ficar apaixonado?

Estou.

De fato, basta que aconteça. Claro, não é certo que vá acontecer só pelo fato de você o desejar. Mas você já está pronto, para que esse evento se verifique não precisa de nenhuma condição particular, a não ser a sua humanidade. Você já está pronto. O Mistério te criou pronto para o encontro, para cada encontro da vida que é só um pequeno reflexo do encontro verdadeiro, exaltante, que é o cristão.

Com esse desejo cheguei às férias dos Colegiais, onde encontrei alguém que estava na mesma situação que eu ou seja, insatisfeito com o que vivia com seus amigos de balada e desejoso de alguém que respondesse à sua necessidade de algo que dure para sempre, ou pelo menos de algo mais que uma noite na balada. Ao contrário de mim, porém, ele tinha conseguido entender que tudo o que tinha não lhe correspondia e tinha se afastado daquela vida e daqueles amigos que não tinham nenhum sabor nem o faziam feliz. Com essa pessoa nasceu uma relação incrível na qual, efetivamente...

Vê? Como o Mistério respondeu ao seu problema?

Eu encontrei uma pessoa.

Perfeito! É isso o que eu queria dizer antes. O Mistério se tornou carne, a explicação se tornou carne. O discurso se tornou carne e sangue em alguém. É assim que Deus responde. Antes de mais nada, faz com que você encontre alguém em quem já aconteceu.

Nasceu uma relação na qual me sinto correspondido em meu desejo. Ele não apenas me fascina porque representa um testemunho a respeito do que era a minha situação, mas porque viz que ele conseguia e ainda consegue despertar em mim o desejo, manter desperta em mim a vontade de ser feliz e principalmente de poder ser eu mesmo diante das dificuldades mais urgentes para mim. Experimento com essa pessoa o que estava procurando e desejando desesperadamente: uma relação na qual ser livre e na qual sentir um interesse real pela minha pessoa, sempre e em todo instante, não relegado a um momento do dia, como podia ser a minha noite na balada. No entanto, terminadas as férias dos Colegiais, algumas semanas mais tarde, eu recaí no erro do começo do

verão, ou seja, confundi de novo aquilo de que precisava, e por isso passava os meus dias numa cadeira de praia e de novo, à noite, passava o tempo em restaurantes de luxo e lugares da moda com os mesmos amigos de antes.

E então? Agora escolha.

Naquele momento ficou evidente a desproporção entre o que eu tinha encontrado de grande e o que estava vivendo naquele momento. Eu me sentia completamente sozinho, abandonado por aqueles amigos que não me correspondiam; era mesmo um momento de tristeza infinita, também na relação com a minha namorada. Naquele momento de tristeza e de desespero, não consegui procurar ninguém além daquele meu amigo que tinha encontrado nas férias. E mais uma vez me senti renascer com ele, mais uma vez ele tinha me despertado diante das urgências da vida, e não porque tivesse resolvido todos os problemas que eu tinha, mas simplesmente porque mi indicava e me testemunhava um modo de ficar diante daquelas dificuldades com o meu desejo de felicidade.

Eu lhe agradeço muito que você tenha descrito a dinâmica que viveu, porque isso nos ajuda a entender que o encontro cristão não é algo de mágico que ocorre uma vez por todas e depois tudo fica resolvido. Nós podemos, depois de ter visto, voltar ao ponto de antes. “Vê que não serviu para nada as férias?”, nos dizemos tantas vezes desencorajando-nos, porque nos medimos apenas pela capacidade de sucesso posterior. Mas é realmente verdade que em você não ficou nada depois das férias?

Não, senão eu teria ficado com aqueles amigos.

Você já foi plasmado e já não pode não sentir saudades de você, como eu dizia antes. Não pode evitar o que lhe aconteceu e começa a sentir falta daquilo. É impressionante, porque não é que você não estivesse com os amigos de antes, com aqueles com quem ia à discoteca, e no entanto diz: “Estava sozinho”. Por que diz que estava sozinho, se estava rodeado por todos eles? O que você aprendeu sobre a natureza da solidão?

Eu me sentia sozinho justamente porque, enquanto tinha experimentado um tipo de relação no qual era continuamente relançado...

Mas aqueles amigos também te relançavam constantemente... a ir à discoteca!

Com aquele meu amigo que encontrei nas férias eu conseguia ser eu mesmo.

Ah! O que te torna você mesmo e então vence a solidão? O que é a solidão? Não é não ter ninguém ao lado, você estava cheio de amigos, porém se sentia sozinho. A solidão de que estamos falando, a verdadeira solidão, diz Dom Giussani, é a falta de significado, é a impotência que sinto perante a minha insatisfação. Por isso posso estar circundado por pessoas e estar sozinho, porque eles não são capazes de responder à minha impotência, à minha incapacidade de ficar feliz. Se estamos em mais, mais, mais e mais, não por isto ficamos mais plenos e menos sozinhos. Cuidado, porque pode acontecer também dentro deste âmbito: se vivermos o Movimento desta maneira, mesmo rodeado por amigos podemos estar mais sozinhos. Porque a questão não é ficar rodeado de pessoas, mas se esses amigos trazem “a resposta para a minha impotência, se me dão algo que deixa um rastro em mim, como você dizia antes, que “me dão algo que responde à minha necessidade; senão, mesmo rodeado de pessoas, fico sozinho”. Impressiona-me que vocês identifiquem todas as questões, por exemplo, que você se dê conta de estar rodeado de pessoas e, ao mesmo tempo, de estar sozinho, isso é genial. Vocês descubrem isso em suas próprias experiências, não sou eu que devo dizer-lhes. Porque, se eu lhe explicasse sem que você já tenha feito experiência, você não entenderia o que digo; mas você entende, e não é porque alguém lhe tenha explicado. Senão, não apenas você perde os amigos, mas também não entende nem sequer a relação com a sua namorada, nem sequer as relações mais verdadeiras e estreitas que tem, aquelas a que você dá mais importância. Tudo se desfaz entre as nossas mãos. Isto é mortal. E não é um problema de moralismo ou da vida eterna, porque diz respeito ao viver agora. Cristo, com efeito, veio para tornar tudo cem vezes mais. Senão, se alguém acaba não encontrando algo que o impeça de perder tudo – pode confessá-lo a si mesmo ou não –, se se sente sozinho mesmo estando com os seus amigos, o que são esses amigos? Nada. Como pode ser afeiçoado a eles? Simplesmente está afeiçoado superficialmente, porque vai com eles à discoteca, e não porque te levem a responder ao seu desejo de felicidade. Quem é o único

amigo? O amigo é quem é capaz de me ajudar a responder à única coisa que desejo na vida: ser feliz. Se não responde a isto, está brincando comigo. Não é amigo, mesmo que eu o chame de “amigo”, porque nós chamamos de “amigo” o primeiro que passa na rua porque vamos beber uma cerveja com ele, mas depois não deixa um rastro em nós. Então começamos a entender o que significa ser amigo, o que é ter um amigo, o que é vencer a solidão, o que é ter um relacionamento verdadeiro com a namorada. E quando a pessoa vê que tudo se desfaz, não pode não voltar, não pode não ter saudades do amigo graças ao qual renasce. Entendem por que somos cristãos? Não porque sejamos melhores – de fato podemos fazer as mesmas besteiras que todos –, mas porque nos sucedeu algo que já não podemos tirar de dentro de nós; tropeçando, indo para frente e para trás, decaindo, desencorajando-nos, mas sem nunca mudar o caminho. Por quê? Porque é aí onde o eu renasce até mesmo das próprias cinzas, como você vê. Não se assustem se puder acontecer esse desencorajamento. A coisa mais importante é que, quando o Senhor os torna de novo conscientes disso, vocês se lembrem daquele amigo; e então você poderá ceder de novo e segui-lo, e não flagelar-se porque decaí. Que mistério há no fato de a fraqueza ser fraca e você se perder um segundo depois? Como diz Giussani: não é que no dia seguinte Zaqueu não tenha mais discutido com a mulher. Mas nós temos uma imagem da santidade que é como um ser absolutamente sem manchas; aqui está todo o drama do viver. O único problema não é que nós não erremos. O Evangelho nos disse tudo o que Pedro fez, não apagou nada, assim como nós não devemos apagar nada do que nos acontece, porque é isto o que nos torna conscientes do fato de eu poder errar tantas vezes, mas não poder deixar de me lembrar do amigo que me fez renascer. Agora decidam! Todo o drama está aqui, no momento em que me dou conta de novo e a partida recomeça, o drama recomeça. E todos os erros que pude fazer não me impedem de voltar. Ninguém te impediu de voltar. Toda a vida se joga neste instante, e Deus fez tudo o que fez para suscitar alguém que Lhe diga sim, mesmo depois de tê-lo negado. Jesus, com efeito, não se detém no que Pedro fez, mas Lhe pergunta: “Tu me amas?”. E eu Lhe pergunto: “Você quer a vida que encontrou? Quer renascer?”. Então procure isso! Ninguém te impediu, ninguém pode te impedir, mas ninguém pode te poupar. Essa é a sua liberdade, o drama da sua liberdade. Porque, como diz Péguy, que citei nos Exercícios da Fraternidade (é estupendo este trecho de Péguy!): “Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres, / Livrementemente” (“Il mistero dei santi innocenti”. In: *I Misteri*. Milano: Jaca Book, 1997, p. 343). Deus não quer servos, não quer escravos, quer amigos que O amem como homens livres, livremente. Você prefere que te amem livremente ou não? E Deus haveria de ter uma preferência pior que a sua?

Obrigada pela pergunta que você, Albertino e Pigi nos fizeram. Foi para mim uma provocação e uma ocasião de pergunta. Quando no Tríduo você nos perguntou se já tínhamos feito a experiência de um amigo que nunca nos tivesse abandonado, eu, sendo incapaz de ser falsa consigo mesma, me disse: “Não, eu nunca encontrei um amigo que nunca me abandonou”; todos, cedo ou tarde, se esqueceram de mim e me feriram, mesmo sem querer. Todos não são suficientes.

“Todos não são o suficiente.” Ótimo! Todos não são o suficiente. Mas nós podemos passar por cima dessas afirmações que fazemos ou que escutamos, sem vibrar, sem ficar exaltados. Todos são pouco demais. Por que sente que são pouco demais? Você têm de pôr na cabeça: todos são pouco demais. Por quê? Por que são pouco demais?

Porque eu percebo que ficando com meus amigos, mesmo se a forma de ficarmos juntos é verdadeira e bela, no fundo não satisfaz até o fundo...

Não satisfaz. Ótimo! Não satisfaz. Então o que você deseja, que todos os seus amigos não são capazes de satisfazer? E o que a faz entender isso de você? É a questão decisiva com a qual você deve prestar contas: o que a faz entender de você? Se entender isso, não poderá mais acusar os outros por não estarem todos perto de você, porque, mesmo se estivessem todos, não satisfariam a sua necessidade. Então vamos parar com o nosso esporte favorito, que é acusar os outros por não estarem presentes. Este é mesmo o nosso esporte favorito: há sempre alguém que falta, e assim passamos a vida acusando os outros por não estarem à altura do que nós esperamos deles. Mas,

mesmo que todos fossem presentes, seriam pouco demais, pouco demais para nós. Então vamos parar com isso! Esse esporte é inútil. Mesmo se todos fossem presentes, todos não seriam o suficiente. Dizer isto significa que nós começamos a nos dar conta daquilo que somos nós, não os outros, mas nós; e, como consequência, o que são os outros. E o que isto diz de você?

Que não é a relação com o amigo ou o amigo mesmo o que me deixa feliz.

Por que não? O que diz de você?

Que sou feita de algo maior que a relação com o amigo, que não é o amigo que me satisfaz.

Exato. E por quê? O que isso diz daquilo que você deseja? O que diz daquilo que você é? Isto é apaixonante, pessoal! Quem somos nós, que todos não são o suficiente? Quem somos nós, que todos não são o suficiente? Impressiona-me como Dom Giussani tinha essa consciência até a medula; tanto é verdade que quando alguém diz: “Agora eu vou pôr as coisas em ordem” – que seria como dizer a você: “Agora chegamos todos nós e resolvemos o seu problema”, mas não podemos resolvê-lo. Por que? O que diz da natureza do seu desejo? Por que isto é libertador para todos –, Dom Giussani responde: “Que melancolia” (“A longa marcha da maturidade”, *Passos*, n. 92, abr. 2008, p. 18). Quando achamos que os outros podem ser o suficiente, ou nós mesmos achamos que somos o suficiente para os outros, ele diz: “Mas que melancolia só de pensá-lo!”. Que consciência tinha Dom Giussani da grandeza do eu que somos, do “Mistério eterno / do nosso ser” (G. Leopardi, “Sobre o retrato de uma bela mulher”, v. 22-23. In: *Poesia e prosa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 276), como dizia Leopardi. É inútil explicar-lhe tudo isto, se você não o perceber dentro de si, se você não experimentar alguma vez que todos não são o suficiente. É assim que o Mistério nos faz entender o que somos, não com uma explicação, mas fazendo vibrar dentro de cada fibra do seu ser. Todos não são o suficiente. E então?

De bate pronto, no Tríduo, antes de dizer: “Sim, Jesus existe e Ele me ama”, surgiu a minha objeção humana.

Exato. Antes, porque senão colocamos um bandeide.

Surgiu a minha objeção humana, e chorei, porque no fundo aquela pergunta revelou o desejo do meu coração...

“Revelou o desejo do meu coração.” Muito bem!

...que é o de encontrar alguém que realmente me ame e que nunca me abandone, alguém que me realize. É a procura por um tu, e é a procura que me atormentou nestes meses e que continuamente me agita. Quem és tu, tu que me faltas, tu que originas em mim este vazio, esta nostalgia lancinante? Só tenho certeza de duas coisas perante essa pergunta: o único lugar onde entrevi uma resposta a esta minha exigência de significado foi a companhia cristã, e além disso eu sou inegavelmente incompleta, sou mendicante, como diz Dom Giussani. Este verão foi cheio de encontros, de experiências realmente excepcionais, no sentido mesmo que Dom Giussani entende, correspondentes à espera do coração, diante das quais não posso senão reconhecer e afirmar que foram dadas e doadas a mim. Toda noite, porém, com mais ou menos consciência, me vi ainda mais cheia de desejo por ser incompleta, ainda incompleta, mesmo depois de ter passado uma semana no lugar que mais amo no mundo, o acampamento dos escoteiros, onde redescobri amigos e encontrei amigos novos e sinceros, verdadeiros companheiros de caminho, até mesmo depois do dia em que fomos ver o nascer do sol no Cervino, a coisa mais bonita que já vi. Bem, eu não sei bem o porquê e não entendo o como até o fim, mas tenho essa nostalgia constante, essa exigência de um mais, sempre. Eu me perguntei muito nestes dias (tendo a prova de grego, tive de estudar muito) o que queria dizer um amigo que não abandona e pedi na oração para pode encontrar um amigo assim, um amigo, também no estudo, sobretudo no estudo. Não posso dizer que encontrei Cristo ao estudar a historiografia e os autores gregos, porque estaria mentindo um pouco, mas posso dizer que não houve um segundo em que fui deixada sozinha: um telefonema inesperado de um amigo em Londres; os amigos preparando-se para as provas de admissão que me convidam a estudar junto; minha mãe, que é uma pessoa muito dura, muito severa, carinhosamente me abraçou e me fez a cama todas as manhãs antes do exame, para me ajudar como podia. Nestes dias eu tenho a nítida percepção de que através dos rostos que estão ao meu lado passa a mesma afeição, a

mesma amizade pontual e autêntica que eu busco e desejo. Ainda que o rosto dos meus amigos sejam imperfeitos, é inegável que carregam um sinal, algo de especial que me fascina, que me corresponde. Eles carregam um a mais, ainda que sejam imperfeitos, maravilhosamente imperfeitos. Tenho me dado conta de que a amizade dentro da companhia não abandona: uma mensagem, um lugar guardado na assembleia, um sorriso do amigo que passa de carro, uma lembrança; tudo me leva a pedir, a ficar atenta, a reconhecer. Ainda não sei dar um nome a esse a mais que eu intui na amizade com os Colegiais, mas eu sou necessitada dele. Sou feita para esse a mais, para o infinito, então sigo a companhia que me acompanha, me abraça com todos os meus defeitos, que me encontrou e nunca me abandona.

“Quem és Tu que me faltas?” Mas antes disto, você se deu conta de que todos não são o suficiente: é isto que revela o meu desejo, que me faz entender a natureza do meu desejo. Então, se não são os amigos o que eu procuro, o que eu procuro? Quem é que me falta, se todos não são o suficiente? Quem é que me falta? “Quem me falta?”, pergunta-se. Porque, não sendo eles, quem falta? De que me sinto faltante? “De que é falta esta falta, coração”, dizia Mario Luzi (“Di che è mancanza...”. In: *Sotto specie umana*, Milano: Garzanti, 1999, p. 190). Vê? Nós podemos entender o alcance dos poetas, do que dizem os poetas justamente porque o sentimos vibrar em nós. Nós tentamos dizê-lo e não conseguimos dizê-lo tão bem como Luzi, mas quando o lemos, reconhecemos: “É isso!”. De que é falta esta falta? Você o disse de outro modo. E o que acontece? Como você diz: “Eu me vi cheia de desejo por ser incompleta, e toda noite me vejo ainda incompleta”. Isto é o viver. Posso ver o monte Cervino ou posso estar nas férias e estar incompleto. Então fico com saudade desse mais, sempre. E o que você pensou em fazer? Se todos não são o suficiente, se são pouco demais, se o Cervino é pouco demais, se as férias são pouco demais, o que você pensou em fazer?

Pedir.

Pedir. Muito bem! O pedido nasce daqui. Não é que não temos mais nada para fazer; o problema é que, nunca sendo suficiente tudo aquilo que encontro para satisfazer o meu desejo, peço. O pedido nasce das entranhas do eu necessitado; não de quem não tem nada para fazer, mas de quem viveu, que vive, que vai ao Cervino, que vai às férias, que tem amigos, mas se dá conta de que tudo isso é muito pouco. Tudo é pouco, “pequenino”, diz Leopardi. É esta a companhia que nos fazem os gênios: “E descobrir como tudo é mísero e pequeno diante de nossa alma” (G. Leopardi, “Pensamentos”, LXVIII. In: *Poesia e prosa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 497). Se tudo o que temos é muito pouco, que podemos fazer? Somente pedir. Pedir. O pedido nasce das entranhas, não nasce de uma postura “devota”, cheia de piedade. Do devocionismo só nasce um pedido formal. O verdadeiro pedido urge das entranhas do eu, nasce da necessidade do coração. Então peço e volto para a maneira como um outro me responde. E como me responde? Você demonstrou como Ele responde a esse pedido. Cada um de nós cria uma imagem, na própria criatividade, de como o Mistério – caso fosse inteligente como nós! – deveria responder-nos. Mas que agudeza quando, em vez de imaginar, olhamos para como responde! É outro método, aquele que Dom Giussani nos indicou desde o primeiro capítulo d’*O senso religioso*: “Pouca observação e muito raciocínio conduzem ao erro. Muita observação e pouco raciocínio conduzem à verdade” (A. Carrel, *O homem perante a vida*. Porto: Educação Nacional, 1959, p. 33). O que você fez? Muita observação. Ficou diante de fatos que a despertavam, através de rostos, certos rostos, e acrescentou uma palavra incrível. Qual palavra? Vê?! Nem mesmo você se lembra! “Imperfeitos.” E no entanto há quem diga: “Não, se as pessoas são imperfeitas, não podem me trazer a resposta”. Lutero já dizia isto: “Se são imperfeitas, as pessoas não podem me trazer Cristo. São imperfeitas demais para trazê-lo Não pode ser”. A tentação é sempre esta: as pessoas são imperfeitas demais para trazê-lo a mim. E no entanto são justamente elas, apesar de sua imperfeição, que levam no mundo esse a mais. É inadmissível! O Mistério nos chega por meio desses “imperfeitos”; uma vez que somos imperfeitos, o Mistério não poderia chegar a nós de outra maneira; se tivesse agido diferentemente, Ele é que teria errado o método. Por isso começou escolhendo alguém como Abraão, que era imperfeito como o eram todos os que chamou depois dele. Nós também, agora, somos imperfeitos, somos cheios de imperfeições, mas isto não impede a Deus – como, porém, achamos muitas vezes – de se fazer

presente, não é um obstáculo para Sua manifestação. Porque o que alcança as pessoas não é primeiramente a imperfeição, mas aquele “a mais” que as pessoas carregam por meio da própria imperfeição, e que não pode ser levado senão na própria imperfeição. Levam algo a mais. Quando a nossa amiga contava da surpresa dos turcos, não é que ela se ache perfeita, mas reconhece que toda a sua imperfeição não impede que aqueles garotos muçulmanos reconheçam nela uma diversidade, assim como a imperfeição não impede que você a reconheça na mãe, mesmo se às vezes ela pode ter uma aparência dura. E isto elimina na raiz muitas objeções que nós temos em relação a uma companhia que necessariamente é imperfeita. Parem com isso! Essas objeções são de quem não parte da experiência. Porque, quando partimos da experiência, percebemos que renascemos, que nos reacendemos pelo encontro com pessoas imperfeitas, como dizia antes o nosso amigo. Deus usa pessoas assim cheias de limites para me fazer renascer. Então o problema não é termos limites, mas se eu aceito renascer quando alguém me traz esse “a mais”, mesmo que em meio a todos os seus limites. Deus não se comporta assim porque seja ingênuo, mas porque quer que você não erre ao julgar. Quando São Paulo afirma que “trazemos esse tesouro em vasos de barro” (2Cor 4,7), por que razão diz isso? Deus podia servir-se de outros vasos que não fossem de barro para nos trazer o tesouro que é Jesus? Sim. Podia gerar pessoas totalmente perfeitas? Poderia tê-lo feito, sendo Deus. Mas qual teria sido o risco? Se Pigi fosse perfeito, o risco seria confundir Cristo com ele. Mas não! Pigi, com todo o seu limite, é um vaso de barro que carrega Algo diferente. Sabem como o Mistério faz para entendermos isto? Escolhe alguém no qual se veja com clareza que não é aquela pessoa a origem daquilo que carrega: na história de Israel escolhe mulheres estéreis, como se dissesse: “Quero fazer todos entenderem que fui Eu quem gerou João Batista, por isso escolho Isabel e a faço engravidar quando é impossível para uma mulher engravidar; e assim é evidente a todos que sou Eu quem age”. E isso é uma ajuda para nós. De fato, como é que Deus se faz presente na história? Por meio de fatos, de sinais pelos quais fique absolutamente claro que a origem é Sua. Como nos faz entender isso, a nós que somos meio limitados para entender? Escolhe maneiras por meio das quais nós, tão limitados podemos entender: faz nascer um filho de uma mulher idosa. Deus fez assim desde o começo com Sara, a mulher de Abraão. Mas ela, quando ouve dizer que vai dar à luz, ri, ri! “No ano que vem, por este tempo, voltarei a ti, e Sara, tua mulher, já terá um filho” (Gn 18,10). E quando depois de um ano Sara tem um filho, o que significa para Abraão? Que ele foi tão bom que a fez engravidar quando não podia? Não, Abraão se dá conta de que aquele parto tinha sido obra de Deus. Como Deus age? Não age contando-nos histórias, contando-nos sonhos, mas dando-nos fatos – fatos! – que podemos tocar e ver, de modo que dizemos: “Com é possível que uma mulher estéril dê à luz?”. “Sou eu”, diz Deus, “vedes quem sou? Vedes quem é a origem desse fato?”. No antigo povo de Israel, a esterilidade era a suma imperfeição. Uma mulher estéril que dá à luz? Impossível! Por isso Deus diz: “Mas eu vos demonstro que é possível, porque Eu sou aquele que faz, e para não vos confundirdes nem pensardes que acontece porque Abraão ou quem quer que eu escolha seja perfeito e bom”. Vocês se perguntam: “Será que é Cristo aqui?”. “É mesmo Cristo quem faz esta companhia assim?”, nos perguntamos às vezes. E como Cristo nos responde? Fazendo-nos ver que o que encontramos nesta companhia não é possível pela nossa perfeição, mas porque é Ele quem age, como fez com Abraão e Sara. Desde o primeiro instante: Sou Eu o protagonista da história e não vos dou sinais pouco claros, escolho a mulher estéril para ser evidente a todos, e depois esse sinal, e depois este outro, e depois mais outro, até chegar a Jesus, que nasce de uma virgem”. Este é o método de Deus. Mais evidente do que isso é impossível. E também agora Deus continua a fazer-se presente por meio da imperfeição. Mas nós insistimos: “Como?! Através da imperfeição dessas pessoas Deus pode me dar esse a mais?”. E então? Ou é imperfeição, e então não lhe traz esse a mais, ou esse a mais é tão evidente que nem sequer a imperfeição pode negá-lo. Há alguém que é mais do que aquela imperfeição – a minha, a sua – que o carrega. Dá para entender?

Queria contar um fato que aconteceu na caritativa, onde ajudamos os meninos do centro paroquial a estudar. Começamos este ano, então não conhecíamos o lugar e tudo o mais. O centro é frequentado por garotos de todas as idades, dos cinco aos vinte anos, com os quais estudamos.

Uma vez eu estava descendo para o parquinho a fim de buscar os meninos para estudar junto com eles, e havia alguns garotos um pouquinho mais velhos. Eles me pararam nas escadas porque são meio bagunceiros, queriam brigar, mas eu não. Assim lhes disse: “Estou aqui porque quero apenas ajudar os meninos. Não estou aqui para brigar”. Foi estranho, porque para mim sempre foi mais fácil responder: a quem nos trata com violência respondemos com violência, é mais fácil, ao menos para mim sempre foi um pouquinho mais fácil. Porém naquele momento fiquei parado diante deles, que...

Por quê? Porque tinha perdido a energia, porque tinha perdido “as atribuições” ou por qualquer outro motivo.

Não, não, não.

Por que ficou parado?

Eu pensava na Violaine, não reagi pelas crianças, queria estar lá para eles e não para brigar, mesmo porque a motivação deles era insignificante, de fato diziam que eu tinha olhado torto para eles. Basicamente é inútil, de qualquer forma. E mesmo depois que insistiram, quando ficaram violentos, eu fiquei parado até que chegaram duas meninas...

De onde nasce essa firmeza? Não quero que você perca o significado do que está dizendo. É o mesmo da esterilidade de antes. De onde nasce? Porque vê em si mesmo algo diferente; você normalmente é assim?

Não.

Normalmente reage ou fica parado?

Reajo, normalmente.

Reage bem! Não são “as atribuições” que lhe faltam! Então por que ficou parado?

Basicamente ainda é uma pergunta aberta. Depois que aconteceu esse fato, chegaram duas meninas que entrevistaram e nos dividiram. Depois fui embora junto com a responsável da nossa caritativa, me pôs no carro e me levou para casa. Eu estava passando por uma grande dificuldade, porque a raiva, o responder sempre foi um ponto difícil que sempre tentei eliminar; todos, inclusive a minha família, sempre me disseram que é um ponto que não era bom. E sempre me fizeram olhar para ele como o ponto negativo, que deve ser eliminado, que se deve eliminar porque é horrível, e então eu também o via assim. E, mesmo ficando parado, a raiva continuava.

É justamente isso que quero te ajudar a entender.

Chegando em casa, estavam Antonella e meu irmão. No passado sempre notei que, quando ficava irritado, tanto meu irmão quanto meus pais, que são os que mais me conhecem, nunca se permitiram ficar comigo: talvez fingiam que nada estava acontecendo, ou então iam embora e eu ficava lá “assim”, eu lidava sozinho com a raiva. Naquele dia, porém, cheguei e Antonella me olhou, me abraçou e depois me pediu que lhe contasse o que tinha acontecido, tudo. Contei, e depois me disse: “Próxima sexta-feira você volte lá para fazer caritativa”. Eu não queria, porque pensava: “Veio à tona esse meu ponto que odeio, e não quero que reaconteça, que saia de novo”. Mas ela me olhou e me disse: “Você volte lá”. No começo me incomodava um pouco, porque não queria, mas depois pensei: “Olhe como está arriscando”, não estava me dizendo o que eu gostaria que me tivessem dito: “Sim, tranquilo, isso aconteceu, vamos resolver, volte para a caritativa que você fazia antes”. Eu via que estava apostando tudo, estava arriscando dizendo-me: “Vá ali”, porque eu podia voltar ou poderia ter dito: “Você está dizendo o que não quero fazer, e eu não vou”. Mas naquele momento eu me senti olhado não apenas pelo que queria que ela olhasse, mas por tudo, também por aquilo que eu não quero olhar, a minha raiva, que me incomoda, que não quero. Depois de algumas semanas, voltei para a caritativa, e era difícil, porque toda vez há um certo medo de que aquela coisa reaconteça. Porém, mal cheguei, havia crianças me esperando, e isso me marcou, porque no fim não é que você vai trabalhar de muito boa vontade, de toda forma as crianças não querem estudar e então te acham até antipático, você não fica lá muito satisfeito; mas eu cheguei e as crianças me esperavam, e então o medo, a dificuldade, o fato de que pudesse voltar aquela raiva passaram quase para o segundo plano; eu queria ir encontrá-los todas as sextas-feiras que me esperavam. E também quando, depois, eu encontrava aqueles garotos –

porque se viam por aí, não é que nunca mais os vi – era uma ocasião para fazer memória do dia da caritativa em que tinha acontecido aquilo que aconteceu um ano atrás, mas da qual me lembro todos os dias.

E o que ficou na sua memória daquele dia?

O fato de Antonella ou o meu irmão, com o qual sempre tive uma relação meio assim, terem estado lá, terem me olhado e tenham olhado para o único ponto que nem mesmo eu quero olhar.

E o que permite que eles olhem para o que você não quer olhar? O que você acha? Eles são estúpidos, não entendem bem o que você olha e por isso não sentem todo o ódio que você sente frente à sua raiva? Por que eles podem olhar para a coisa que você não consegue olhar devido ao ódio que lhe provoca? O que eles veem que você não vê? Porque são bons? “São bons, mas estúpidos, porque não veem o que eu vejo, porque se vissem não poderiam não sentir todo o ódio que eu sinto”. O que eles veem que você não vê? O que permite que eles vejam?

Depois que isso aconteceu, nasceu uma relação de amizade com Antonella; antes já existia, mas...

Não pule os passos. Porque nasce a amizade com ela? A amizade nasce se você entende porque ela consegue olhar para aquilo que você não consegue olhar. E é justamente porque ela pode olhar para isso que você também, em algum momento, pode olhar. Você deve começar a olhar para si mesmo como Antonella olha para você. Comece a olhar para si pouco a pouco assim, e da próxima vez me diga por quê, o que aconteceu, se descobriu algo mais de por que ela consegue olhar assim para você. Ela não tem nenhum problema em olhar para tudo, que é o que você também gostaria de fazer: você não quer olhar para muitas coisas que te disturbam; você gostaria de arrancar a raiva de si mesmo. No entanto você está diante de alguém que pode olhar para tudo, e descobre que com ele ou com ela pode olhar para tudo. Nós encontramos alguém com quem se pode olhar para tudo sem censurar nada. Porque, se você censura, depois carrega consigo todo o peso daquilo para o qual não pode olhar. Mas você pode olhar para tudo, para se reconciliar com tudo. Por que São Pedro pode olhar para tudo? Você não fez nada em comparação com o que Pedro fez, ele até negou Jesus diante de todos, ele O renegou: “Não conheço esse homem” (Mt 26,72-74). Entrou na história Alguém que, enquanto Pedro estava todo preocupado – “O que vai me dizer agora, vai me repreender” –, em vez de repreendê-lo, olhou para ele sem censurar nada; sabendo o que tinha feito, lhe pergunta: “Tu me amas?” (Jo 21,16). Entende de onde nasce a amizade de Pedro com Jesus? Do mesmo modo como nasceu a sua amizade com Antonella: de alguém que olha para você como Jesus olhou para Pedro, que o tinha traído. Jesus lhe dá alguém como Antonella para te fazer descobrir o que é capaz de despertar uma amizade assim. E para que é tão importante alguém assim? Para que, sendo coitados e cheios de coisas que não queremos olhar, possamos entender que tipo de necessidade temos de alguém que não tenha medo de olhar para tudo. Sem isto, não poderíamos ser amigos, porque sempre há algo que não queremos olhar. Por isso, se Jesus não tivesse olhado para tudo de nós, não poderíamos ser Seus amigos, porque sempre haveria algo do qual nos envergonharíamos. Com Ele podemos olhar para tudo.

A. Bonfanti. Obrigado, Julián, porque fizemos uma experiência real de uma amizade verdadeira.